

1027



Julho 1960

O Arauto

Número 1

Boletim Paroquial de S. Bento da Várzea  Propriedade da Comissão Fabriqueira



Como preito de homenagem e veneração, a Corporação Fabriqueira de S. Bento da Várzea, dedica o primeiro número do Boletim Paroquial, ao seu lido e amantíssimo Pastor.

Pequenas notas agrícolas

Neste primeiro número do jornal da nossa terra, venho informar os queridos leitores, como vão decorrendo os trabalhos agrícolas nesta freguesia.

S. Bento da Várzea — a 4 quilómetros de Barcelos — tem grande número de pessoas aí empregadas, as quais vêm fazendo muita falta na agricultura.

Chegou o verão, em que os trabalhadores do campo, debaixo do sol ardente labutam desde o amanhecer ao toque das Trindades, para assim conseguirem levar os seus trabalhos em ordem, e com a esperança de futuramente tirarem a compensação das despesas já feitas.

Felizmente, que os batatais estão bons, e embora não seja motivo para alarmes, pode-se ir afirmando que será um ano abundante desse género. Terminaram as ceifas do centeio, que embora nesta freguesia os lavradores não semeiem grande quantidade, sempre semeiam o suficiente para seu consumo e mais algum para ajudar a custear as despesas quotidianas. Todavia a produção do centeio este ano, não é das melhores.

Sobre o aspecto venícula — o ano promete ser abundante, pois foi muitíssimo boa a nascença do vinho, embora nesta ocasião, uma reguinha só viria a beneficiar, pois parece já querer notar-se as videiras a acusarem a seca, que este vento norte acompanhado de calma tem produzido.

Confiemos em Deus e no nosso Padroeiro — S. Bento — que no dia da sua festa, 11 de Julho, virá em procissão ao cruzeiro, para dali espalhar bênçãos para toda a freguesia.

No próximo número, aqui estarei de novo a dar mais informações desta terra agrícola e fértil da Várzea.

M. Lopes

Fala-vos uma operária

Meus pais são pequenos agricultores. Desde criança trabalhava com eles no campo, mas à medida que ia crescendo, comecei a entrar em contacto com a vida.

Desejava, assim como toda a rapariga, andar limpa, e meus pais não me podiam trazer ao meu gosto. Com sua permissão, fui viver com pessoas estranhas, angariando uns escudos como servigal. De novo, o pensamento no futuro me preocupava. Nessa ânsia de melhor, comecei a suscitar em mim, a ideia de ser operária. No primeiro dia, admirei as máquinas, seus movimentos, e acatei as ordens dimanadas superiormente. Principiei o meu trabalho, o meu primeiro dia de operária fabril, sendo colocada num local com que logo de entrada não simpatizei. Fui andando, dia após dia, até que me chamaram e fui para uma máquina. Era o que eu esperava e ansiava. Desde esse momento, a máquina seria a minha companheira de trabalho. Hoje sou cerzideira, e quando a máquina funciona bem, trabalho com alegria, e dou graças a Deus por me amparar; porém, quando avaria eu encomodo-me, mas imediatamente pego a Deus para me ajudar, e com o seu auxílio eu possa dar a produção. Presentemente estou satisfeita com a minha profissão. Fabricamos rendas, entremeios, peúgas e várias miu-

dezas. Há a comunhão de ideal cristão entre patrão e operários. Aquele é nosso amigo. Dá-nos todos os dias, o pequeno almoço, paga o justo salário, concede-nos as férias na melhor época do ano, oferece-nos um passeio anual, distribue belas consoadas, e coloca carro para nos levar de nossas casas para a fábrica e vice-versa. É bondoso, e além disso é católico.

Quando um patrão é assim para com seus operários, é digno que a gente seja sincera, que trabalhe com alegria e com vontade, e saiba zelar os seus interesses para que o fruto do nosso trabalho lhe dê o lucro suficiente e necessário.

Embora seja operária, a fábrica não absorve toda a minha vida, dedicando-me ainda a modista de labores.

Já aprendi a bordar em vários pontos. O que mais utilizo é o ponto de cruz, tirando ao meu descanso, para bordar algumas toalhas, alguns jogos de cama, e mais outras coisas. Pois é assim que tem de fazer uma rapariga que pense em formar um novo lar. Tem de começar de tenra idade, empregando todos os seus, para que um dia possa ter uma casa em ordem, onde haja o conforto, a alegria, o bem estar e o amor.

Alzira Brás da Silva

A voz das crianças da escola

Sou aluno da 4.^a classe. Gosto muito de estudar, mas preciso ajudar meus pais nos trabalhos domésticos. Assim, muitas vezes, acompanhando o gado nas suas horas de pastagem, sentado à sombra das grandes árvores leio e estudo as lições que na escola tenho de apresentar juntamente com os meus

condiscípulos, que como eu querem saber e ser bons estudantes. Temos também a felicidade de ter na nossa paróquia um bom pároco, novo, e cheio de boa vontade, que nos guia e ensina a doutrina que nos há-de orientar na vida cristã. E assim, aprendendo na escola — a falar, a escrever, a pensar e a raciocinar; e na Igreja — amar a Deus e ao próximo, vivo alegre e contente.

Júlio

aluno da 4.^a classe

Queridas Colegas Catequistas

Neste primeiro artigo sobre a catequese, não poderia deixar de ser a vós, que me dirijo mais particularmente, embora seja grande o meu desejo, que todas as raparigas da nossa terra o leiam e compreendam. Sabeis vós, queridas colegas e amigas, a alta e nobre missão, que nos está confiada? Sim, alta e sublime missão, é a de ser catequista.

Naquele dia, em que Jesus se dignou, mandar anunciar a Boa-Nova do evangelho a todos os povos, Ele escolheu, de entre todos os homens, aqueles doze, que foram os seus Apóstolos. Não foi a um qualquer que o Senhor disse: «Ide e ensinai todas as gentes».

— Não. Foi aqueles que ele escolheu e determinou.

Não vos parece também, que nós somos as escolhidas por Deus, para a continuação dessa obra que os apóstolos começaram?

Sim raparigas, a nós está confiada a sublime missão de ensinar as crianças a conhecer e amar Jesus. E, se realmente o

fazemos com amor, oh que grande ventura nos enche o coração, quando na hora da catequese, nos vemos rodeados desses pequeninos famintos da doutrina Cristã!

Com que interesse, eles fixam em nós, aqueles olhinhos, em que brilha a candura, daquela alma que recolhe dos nossos lábios, o ensinamento necessário, para seguir os caminhos do Céu!

Oh! como é grande, a tarefa a que nos dedicamos, e como é santo o fim em vista!

Muito teria para dizer-vos, mas aqui estarei para o próximo mês, a conversar um pouco ainda convosco, sobre a nossa querida catequese. Por hoje, façamos a nós próprias e a Jesus, a promessa, de enquanto nos for possível, ensinar a todas as crianças, as verdades da nossa fé, e a colocar nesses lábios inocentes, estas palavras tão belas:

«CREIO EM DEUS PAI TODO PODEROSO».

A vossa amiga e colega,
Emília Assunção da Costa Lima

Gosto muito da minha Escola!...

Ela é necessária para nos ensinar a ler e a escrever. É preciso aprender a viver em sociedade e é desde pequenos que nos habituamos a lidar com todos. A Escola é muito útil porque nos completa a educação que recebemos em casa, ensina-nos a respeitarmos-nos uns aos outros. Sou muita amiga da Escola, porque a ela devo tudo quanto aprendi e sei; por isso, nunca a posso esquecer. Devo estimá-la sempre e ter respeito a tudo o que vem da Escola. Sem ela, para nos dar conhecimentos que precisamos e que em casa muitas vezes não temos, não ficaríamos preparados para encarar o futuro da nossa vida. Assim devemos todos pela vida fora, conservar esta amizade que em criança dedicamos à Escola.

Ana Maria

aluna da 4.^a classe

Emoção e Orgulho

Contos escolhidos

Direcção de AUGUSTO SIRAMEIA

I — A PRIMEIRA OFERTA

Não, eu não pretendo fazer qualquer dissertação filosófica acerca daqueles conceitos já porque não me sobra tempo para tal, já porque duvido que tivesse conhecimentos assaz desenvolvidos para com isso.

Apenas e sòmente, pretendo confessar-vos que ao ser convidado para escrever algumas linhas para este jornal senti a tal emoção, misturada com uma pontinha do tal orgulho.

Foi emoção, porque me parecia impossível esse empreendimento vir a ser uma verdadeira realidade e creio que vós sabereis compreender este meu ceticismo se tiver em atenção a vida difícil e ingrata da imprensa em geral e as condições precárias em que dum modo especial vive o povo aldeão. Essa emoção invadiu-me e pude compreender quanta satisfação senti por verificar que a aldeia natal de meus Pais, a aldeia que me viu crescer, tinha dado um passo em frente pela luta do progresso, tinha enfim saído do marasmo a que estão votadas a maior parte das suas congéneres. Avaliei quanta utilidade pode advir daqui, pois este jornal será e disso tenho a certeza, a voz do campo em geral e do povo da Várzea em especial e todos vós podereis ver e analisar, e viver até, um pouco da vida do campo, as suas reacções e os seus problemas, factos a que muita gente devota um profundo e glacial desinteresse, mas que afinal, e é bom recordá-lo, encerra um dos motivos de mais caprichoso encanto e da mais rara beleza.

...E chegou o momento de vos dizer que senti orgulho, sim senti orgulho, não me canso de dizê-lo, por verificar que se lembraram de mim para dizer algo nestas colunas, e do mesmo modo sinto esse orgulho por poder falar deste modesto cantinho dos problemas da gente campestre e se preciso lutar por eles, pois se no fundo eu não sou propriamente um campónio, sou, e disso não me envergonho, filho de gente do campo e fui nado e criado junto dessa boa gente.

A par do meu desenvolvimento, pude verificar, ver e sentir alguns dos seus problemas e digo-vos sinceramente, a vida campestre tem em mim um fervoroso e apaixonado admirador e é com verdadeira sofreguidão que anseio pela chegada das férias para ir de abalada até à aldeia, gozar essas verdadeiras delícias da natureza e respirar o ar puro dos verdes campos.

Ah, como é belo o campo, como são belas as suas tarefas, como são belas e invulgares as suas festas e romarias!...

Prouvera DEUS, que muitos homens soubessem compreendê-los como merecem e não se limitassem a criti-

Havia mais dum mês que os roubos se sucediam no cemitério de Gavieira, pequena povoação tranquila, onde nunca fora precisa a intervenção da justiça.

A vigilância redobrava e não havia meio de apanhar o ladrão. Hoje faltava uma cruz de flores de seda; no dia seguinte uma jarra de flores naturais; depois, um coração de porcelana e de ferro, que um marido carinhoso depositara como recordação dum aniversário triste; e assim todos os dias.

Os interessados reclamavam perante o guarda, e este protestava a sua honradez, até então nunca posta em dúvida à mas o caso repetia-se com tanta frequência, que os moradores não podiam ficar impassíveis, e tomaram-se medidas de precaução, para apanhar o autor de tamanho sacrilégio.

Foi resolvido, numa reunião, que o guarda, acompanhado dum cabo da regedoria, passasse uma noite à vela, para ver se apanhavam em flagrante a pessoa que fazia os roubos; porque, certamente, eram feitos nas horas de descanso. Mas nada; naquela noite não apareceu o ladrão.

Na manhã seguinte, nova reunião, resolvendo-se que se revezassem de dois em dois os homens mais animosos da povoação.

Aqui é que ardeu Troia, porque na Gavieira todos eram valentes; mas o tio António sempre fora dizendo: «Alto lá; com os vivos ainda a gente se entende; mas com os mortos não se querem brincadeiras».

Após larga discussão, foi resolvido que todos os homens fariam turnos, para que se não dissesse que este valia mais do que aquele, mas que todos eram iguais e que tinham os dedos no seu lugar.

Passou-se um dia, e outro, e muitos mais, e os objectos continuavam a desaparecer. O ponto de vigilância era a porta.

Não se arredavam de ali, com seus valentes marmeieiros durante o dia, e com as escopetas de noite, no caso de ser preciso baterem-se a tiro com al-

ca-los com uma simples, mas bem triste frase «são parolos».

Pois bem, parte desses parolos resolveram convencer incrédulos, que afinal nem só os «homens da cidade» sabem fazer periódicos e como tal aqui tendes uma manifestação bem viva do quanto vale esta gente e podereis avaliar o quanto valeriam eles, se fossem devidamente amparados.

Por hoje aqui me quedo, mas voltarei logo que possa e me deixem e tende-

gum ser vivo ou com alguma alma penada que saísse em excursões por lugares afastados.

Todas as pessoas, pequenas e grandes, que saíam do cemitério, eram cuidadosamente revistadas, mas tudo inútil. Hoje como ontem, o cemitério era roubado com um atrevimento que raiava pelo cinismo, desaparecendo os objectos nas barbas dos próprios guardas, o que os trazia verdadeiramente arrelhiados.

— É uma alma do outro mundo, não havia dúvida, — diziam.

Numa tarde do mês de Outubro, em que o céu enfarruscado ameaçava grossa tormenta, chegou à porta do cemitério, quase ao anoitecer, uma pequena loira, de olhos de céu, vista merencória, coberta com uns farrapos, em que se destacava um avental preto.

Era a única pessoa que, naquela tarde, se atrevera a entrar no lugar sagrado.

Tinham a certeza disso; naquele dia, só ela entrara ali.

Os homens do turno, que estavam longe de receber qualquer visita, estranharam a presença da pequena.

— Era a filha-órfã de Branca, a Maldita.

A Maldita por que um dia, o pior da sua vida, se entregou a um homem que a enganou com promessas de casamento breve, e depois a abandonara ao seu destino, chamando-lhe traidora, em vez de lhe chamar a mártir da fera humana que, saciados os seus apetites, dilacerava com suas garras a alma virgem daquela mulher, branca de nome e de corpo, limpa de pecado, até à hora em que o amor a perdera. É que nos acostumamos a chamar pecado à queda por amor, e não chamamos pecado a outras quedas que a lei autoriza.

Pois bem; essa mulher, cheia de vergonha fora para aquela freguesia viver duma pequena pensão que seu pai lhe deixara ao morrer, e ali lhe nascera a mais linda flor que no jardim do amor algum dia crescera. Era essa a rapariguinha que entrara no cemitério

(Continua na página seguinte)

a certeza que nesse tempo ficarei rezando ao BOM DEUS para que me inspire e faça com que eu na minha singela prosa, possa dar-vos uma ideia aproximada da vida do campo procurando seguir as pisadas dum modo mais modesto, desse grande Júlio Diniz, e então eu vos diria — que a emoção e orgulho...

CONTOS ESCOLHIDOS

(Continuado da pág. anterior)

e que todas as tardes, desde que sua mãe tinha morrido, ia visitar a sua sepultura.

Os nossos homens seguiram-na com a vista, notaram que se aproximava duma campa rasa onde o corpo de sua mãe descansava, que junto dela caíra de joelhos, e não pensaram mais nela. Deixaram-na entregue às suas orações. E a noite foi descendo.

Voltaram aos seus postos, para ver se surpreenderiam o culpado; mas a tempestade, que ameaçara toda a tarde, rebentou aparatosamente; a porta fechou-se com violência, e o guarda, julgando aquilo um preságio, deu volta à fechadura, não se lembrando da pequena. Retirava-se para casa, na certeza de que naquela noite nada aconteceria, quando o companheiro se lembrou de que não vira sair a rapariga. Retrocederam e procuraram-na. Lá estava refugiada a um canto, sem perder de vista a sepultura da mãe, que sem dúvida a confortava naqueles momentos de pavor.

E qual não foi o assombro desses homens ao ver reunidos sobre aquele pedaço de terra todos os objectos desaparecidos, que o culto da pequena por sua mãe ali havia amontoado, oferecendo-lhes como único tributo que podia prestar-lhe!

— Foste tu que roubaste o cemitério?

Disseram-lhe os homens quase contra vontade.

— Fui eu, senhores. Castiguem-me, se fiz mal. Eu não tenho dinheiro. Via que todas as sepulturas tinham alguma coisa, e a da minha pobre mãe, nada; nem sequer uma cruzinha para marcar o sítio. E pensei: «um dia virá em que o sítio se não há-de conhecer...». E, para o não perder, para que pudesse vir aqui sempre rezar-lhe, marquei-o com estas coisas... Se fui má, castiguem-me a mim, mas não tirem à minha mãezinha o que lhe pus, porque choraria muito ao ver que lhe levavam a primeira oferta que lhe fez sua filha.

E aqueles homens, curtidos pelo sol e pelo ar; aqueles trabalhadores do campo endurecidos na labuta diária, reconheceram que o roubar às vezes não é pecado, e choraram com a pequerrucha, e abraçaram-na, dizendo: «Castigar-te? Oh! nunca! Bendita sejas mil vezes! Quem assim quere a sua mãe, como tu lhe queres, há-de ser sempre boa!».

A tormenta havia passado. Brilhava agora a lua, esplendida, no céu, e as lágrimas da pequena tinham deixado de correr. Desde aquele dia teve casa e pai, e nunca mais lhe chamaram a filha Maldita, mas a filha de Branca, a Abandonada.

(No próximo número, segue-se: «Conto da Felicidade»).

Este primeiro número de O Arauto, foi composto e impresso nas Oficinas Gráficas de Barbosa & Xavier, L.da — Braga

No Reino da Graça

AOS LEITORES

Ao iniciarmos esta página de humorismo, fazêmo-lo com o desejo de não caminhar só, visto que teríamos grande prazer em receber colaboração dos nossos leitores.

O género humorístico, não é dos mais fáceis, bem o sabemos. É necessário, por vezes, pensar longas horas o que, depois de lançado ao papel, não leva mais que uns escassos minutos a ler...

Depois, há pessoas que, embora cultas, não sentem a mínima inclinação por esta modalidade literária, ainda que gostem de apreciar o que outrém escreva com o propósito de fazer esboçar um sorriso.

Mas existem as que possuem um espírito faceto, com propensão para criarem situações mais ou menos alegres, revelando uma veia especial... que poderia valorizar esta secção.

No caso do nosso convite ser aceite, os trabalhos deverão ser da lavra da pessoa que os assina, inteiramente originaes, e sempre concebidos dentro das melhores intenções, sem pessoalismos contundentes. Serão endereçados ao director desta secção, em papel dactilografado, e, se mostrarem merecimento, sairão publicados com o nome do autor ou pseudónimo — conforme no-lo indiquem.

E pronto. Já sabem o que têm a fazer, se quiserem entrar «No Reino da Graça»...

A. S.

ESCREVE O DIRECTOR

Por pouco...

Não há muito tempo, nos grandes diários do nosso País, aparecia uma espécie de anúncio bastante curioso e que chegou a prender sinceramente a minha atenção, para não dizer admiração. Tratava-se da figura dum automóvel e, a servir-lhe de pedestal, estes números gordos: 57.480\$40...

Nem mais, nem menos...

Valha-me Deus. Já não sei onde tenho a cabeça, ou é a minha cabeça que se dá por incapaz de compreender este mundo sensacional em que vivemos!

Confesso-o francamente. Eu precisava comprar um automóvel, mas em face de me faltarem aquelas dezenas de escudos, os tais 80\$40 impressos em letra de forma, fui obrigado a desistir...

Pelo visto, num caso «ambíguo» como é o da compra dum automóvel, até uns paupérrimos, uns deslavados 40 centavos albergavam a sorte grande de representar algo de sério, o que eu desconhecia!...

Se me fosse dado o condão de adivinhar, bem eu me teria precavido com tempo, aumentando as minhas economias, apertando um pouco mais os cordões à bolsa, e já o diacho dos 80 es-



Secção humorística
dirigida por
AUGUSTO SIRAMEIA

culos não me atirariam com a vidinha por água abaixo.

Isto não só em relação aos 80 escudos, mas também aos 40 centavos que, se vinham amarrados ao anúncio, para alguma coisa havia de ser!

Sim, sem os 40 centavos eu nada conseguiria perante os abastados vendedores do carro!

Fiquei desiludido, nervoso, como os leitores devem supor, pois acabava de perder uma excelente ocasião de comprar o automóvel que seria o meu enlevo, todo o meu sonho.

Por pouco...

E esta?

O «Jornal de Notícias» narra que um padre shintoista japonês efectuou o casamento, no palácio dos macacos, no Jardim Zoológico de Tama, de um casal de orangotangos chegado do Borneu. A noiva ia vestida de branco e o noivo levava chapéu alto.

Ora aqui está como este padre japonês pregou a partida em cheio à nossa civilização, aos costumes ocidentais! E com que ganas ele cravou a ferroada!...

Doravante, se alguém entre nós quiser dar o nó matrimonial, terá que pôr de parte as vestes tradicionais de casamento, sob o perigo de se ver incluído na família numerosa dos símios...

Há que variar, portanto.

Não virá longe o dia em que se possa admirar este espectáculo: a noiva apresentar-se de preto, a mãe desta vestida de anjo, com grandes asas brancas e o noivo, em lugar do chapéu, ser forçado a enfiar a carapuça...

Augusto Sirameia

RIR É SAÚDE!

A visita:

— De que animal é esta formosa pele que está diante do sofá?

O dono (com petulância):

— De quem há-de ser? É minha!

— Com que então, estás a construir um prédio novo?

— Que queres tu que eu faça? Bem vêes que não me era possível construir um prédio velho!

Ela: — Por nenhuma coisa deste mundo eu queria ser homem.

— Ele: Porquê?

— Ela: — Porque ser homem é um officio e ser mulher é uma arte...

Por falta de espaço, grande parte do original não foi publicado pedindo desculpa aos Ex.mos Colaboradores e participando que sairá no próximo número

Dois Centenários Secção

«Contas do Porto»

Amigos leitores:

As nossas contas não permanecem na obscuridade, mas todos os anos são afixadas publicamente durante 15 dias, podendo ser observadas por todos, quer paroquianos, quer estranhos, quer devotos ou romeiros. Baseados neste princípio, que tem orientado a coluna receita e despesa das nossas contas, ao publicar-se hoje o primeiro número do boletim paroquial desta terra, estamos aqui a afirmar mais uma vez, que simpatizamos sinceramente e adoramos as contas — mas «CONTAS DO PORTO».

Ei-las:

Embora as contas de 1959 já tenham sido apresentadas ao Público, novamente chamamos a vossa atenção.

Ainda do cortejo de Outubro de 1959:

Receita:

Milho	3.782\$00
Feijão mistura	398\$40
» branco	337\$50
» frade	165\$00
Centeio	241\$50
Batata	212\$00
Cebola	278\$00
Madeira	9.000\$00
Pontas de madeira	50\$00
Vinho	1.800\$00
Dinheiro	16.411\$80

(Não está incluído aqui a despesa que houve, em alto-falante, lanche às diversas freguesias, etc.

N. B. — Não tinha sido tornado público, porque ainda só há pouco tempo, se conseguiu vender o vinho, ou seja pipa e meia, que deu a quantia de 1.800\$00.

Rendimento da caixa das esmolas, ofertas, donativos, tudo quanto seja oferecido ao milagroso S. Bento:

Ano de 1960:

Janeiro	1.143\$00
Fevereiro	710\$00
Abril	668\$50
Maior	1.173\$00
Junho	475\$00

Março e festa do inverno (em 21/3/1960) deduzidas já várias despesas 4.295\$50

Deduzindo 4.000\$00 para pagamento dos juros, 200\$00 para nova letra, 250\$00 para 2 lâmpadas do alto-falante, e diversas outras despesas, existe na Caixa Geral dos Depósitos como pertença de S. Bento 45.500\$00. (Havendo ainda mais uns escudos para colocar na Caixa).

NOTA IMPORTANTE — Neste mapa limitamo-nos hoje a elucidar os leitores quanto ao saldo e receita, prometendo brevemente colocar e publicar a receita, despesa e saldo.

Estamos em plenas comemorações Henriquinas e tiveram há pouco início as comemorações Condestabrianas. Vêm as primeiras festejar o 5.º centenário da morte dum grande português, que foi também um grande homem de Deus; e as segundas comemorar dignamente o 6.º centenário do nascimento de um grande homem de Deus que foi também um grande português: o Infante D. Henrique e o Santo Condestável respectivamente. A este devemos a consolidação da nacionalidade — não fosse ele o herói de Aljubarrota e Valverde... e além disso, o exemplo duma Santidade Heroica que a Igreja já sancionou com as honras dos altares; àquele devemos a projecção de Portugal no Mundo, e deve-lhe o Mundo a descoberta de novos mundos — não fosse ele o homem de Sagres, o grande herói das descobertas.

Dois grandes homens que o foram de Deus e da Pátria.

Quanto não temos a aprender do grande Condestável de Aljubarrota, como do humilde Frei Nuno de Santa Maria; quanto não devemos nós ao Infante, que foi o primeiro em Ceuta tanto em coragem no desembarque como em intrepidez na refrega, e que viria a ser mais tarde, o grande impulsor dos descobrimentos portugueses!

Oxalá sejamos nós e os nossos vindouros mais lúcidos e sobretudo menos sectários que os nossos antepassados mais próximos, no reconhecimento do verdadeiro valor das personagens da nossa história. Miserável justiça humana que consagra com uma grande avenida da capital, o nome de um ministro da justiça cujo grande mérito foi o de ter sido o «mata-grades» (!...) e não tem uma praça a que dê o nome de Vasco da Gama. E devemos nós tanto (!) ao pobre Marquês, para que além das «auto-memórias» do Terreiro do Paço e do Arco da Rua Augusta (de Lisboa) lhe dediquemos um dos maiores senão o maior monumento escultórico da capital, situado em uma das suas praças mais centrais?

E que fez o Almirante Reis? Quem foi ao menos esse homem? Confesso que não consegui ainda descobrir, apesar de gostar bastante de história — e todavia há uma grande avenida em Lisboa com o seu nome. E assim por diante...

Em contrapartida, onde estão os monumentos aos nossos grandes heróis? Onde estão as avenidas, as praças, as estátuas daqueles que desde a escola nos ensinaram, serem os nossos grandes antepassados? Onde é exaltada a figura de Luís de Camões, de Afonso de Albuquerque, de Pedro Álvares Cabral... Fernão de Magalhães esse tem uma estátua oferecida por um país estrangeiro!... Se alguma coisa existe, é algo de tão apagado, de tão mesquinho, que a maior parte das pessoas disso não tem conhecimento. Ao Infante D. Henrique e ao Santo Condestável estão agora a ser erguidos dois monu-

mentos na capital do Império. Mas quantas reticências, meu Deus... quanta falta de grandeza!

Se ninguém ousa discutir o valor transcendente destas duas gigantescas figuras da nossa História, digo mais uma vez, sejamos mais clarividentes, sejamos mais justos, e ao menos neste duplo centenário celebremos a sua memória com dignidade e com grandeza.

Pinto Ribeiro

A propósito duma carta...

A Grande Muralha

Recorda-me ter um dia assistido a uma peça de teatro intitulada — a Muralha — cuja personagem central dessa obra de arte e cultura, era um homem caindo em si e depois de pensar reflectidamente, tomar a resolução definitiva que tinha a seguir. Mas, aí! Que muralha ele encontrou pela sua frente...

Os próprios amigos eram os primeiros a dissuadi-lo de tal atitude, negando-lhe o auxílio. Nessa luta contra todos, ele triunfa, terminando a peça exclamando — venci toda esta muralha — ao mesmo tempo que descia o pano no palco, terminando o teatro.

Ainda tenho presente, na retina visual, essas imagens, e ouço ainda o eco dessas palavras. Ao ter conhecimento, da fundação dum boletim paroquial a que a Corporação Fabriqueira de S. Bento da Várzea lançou ombros, mais vivamente recordo essa cena da muralha.

Também encontrarão, certamente, alguns espíritos mesquinhos, que levados pela sua pequenez e egoísmo, colocuem ou procurem colocar uma muralha de obstáculos; encontrarão a falta de compreensão de outros, que imbuídos de mero comodismo, dirão em frase curta e seca, aquela palavra dura para todos, que tanto se lê do fim para o princípio, como vice-versa, e por mais voltas que se dê, será sempre a mesma «non» (não); encontrarão ainda uma grande muralha, que serão as dificuldades com que luta a pequena imprensa, especialmente aquela circumscrita aos limites territoriais duma freguesia ou duma localidade.

Mas, quanto maior e mais sólida for a muralha a vencer, maior glória e loiros merecerá o triunfador. Bem sei que não trabalham pela glória mundana, nem pela coroa de loiros fugitivos, e por isso resolvi escrever-vos esta carta, animando-vos, encorajando-vos, e oferecendo toda a minha modesta colaboração que vos possa ser útil. Continuai. Caminhai para a frente, e sem exitar, dizei alto e bom som — VEN-CEMOS TODA A MURALHA.

Junho de 1960

Silmar

Ecos da Paróquia

BAPTIZADOS

Receberam as águas lustrais do Sacramento do Baptismo, no dia 12 de Junho: — *Maria Carolina* — filha de Manuel Gomes Fernandes e de Maria Rosa Soares Fontainhas. Foram padrinhos André Simões Lopes e Carolina Soares Fontainhas; — *Manuel Aparício Amorim Dias* — Filho de Olívio Dias Barbosa e de Emília Amorim Gonçalves. Foram padrinhos, Manuel Aparício Correia e Maria Júlia Gonçalves Barbosa.

No dia 26: — *Manuel de Azevedo Pereira Neto* — filho de Domingos Pereira Neto e de Maria de Conceição de Azevedo Coelho. Foram padrinhos Manuel Gomes Ferreira e Cândida dos Prazeres de Azevedo Coelho.

Parabéns aos pais e felicidades infundas aos recém-baptizados.

NOVOS LARES

Consoiciaram-se no passado dia 25, em S.ta Eugénia, Domingos Gomes de Sá, desta freguesia, com Maria da Silva Peixoto, de S.ta Eugénia.

Vieram fixar residência nesta freguesia, para o lugar do Meio-Mundo.

Felicidades e um futuro risonho vos deseja o «Arauto».

PARTIDAS E CHEGADAS

Para Angola, seguiu com sua esposa, o funcionário bancário Eduardo Campos; para França, depois duma rápida visita à sua família, regressou o operário Manuel Gomes Fernandes.

Boa sorte e muitas felicidades, lhe deseja o «Arauto».

FESTA DE S. BENTO

Das reuniões efectuadas com as comissões locais e a corporação fabriqueira, ficou elaborado o seguinte programa:

Dia 2 de Julho: — Início da novena preparatória em honra do padroeiro S. Bento.

Dia 10 de Julho: — Às 6 h. Missa rezada e distribuição da Sagrada Comunhão; às 9,30 missa acompanhada a cânticos; às 15 h. concentração da juventude e crianças com suas ofertas, no largo do cruzeiro, seguindo-se o desfile, com lançamento de confetti e serpentinas, em direcção ao adro, onde será organizado um Bazar Regional; às 17 h. — Grande Atracção surpresa no salão paroquial, à qual poderá assistir toda a gente; às 21,30 h. sairá uma procissão de velas da capela de S. Comba, do lugar de Crujães, em direcção à igreja paroquial, havendo em seguida uma Hora Santa pregada pelo Prior da Igreja de Cristo-Rei do Porto; às 23,30 h. início de grande arrail minhoto, terminando com uma sessão de fogo preso e do ar.

Dia 11: — Às 6,30 h. missa rezada e distribuição da Sagrada Comunhão; às 7 h. entrada no recinto de 2 bandas de música; às 7,30 — 8,30 e 9,30 h. missas rezadas; às 10,30 h. missa da festa, em honra de S. Bento; às 16 h. sermão pelo mesmo orador, procissão e bênção do Santíssimo.

Durante a tarde, concertos musicais.

Para que as festas atinjam o brilho desejado, os rapazes e as raparigas desta terra não se tem poupado a esforços e sacrifícios, assim como as comissões locais, constituídas pelos senhores:

Lugar da Igreja — Manuel Pereira Arantes Lopes, Augusto de Campos e Domingos Gonçalves de Araújo.

Lugar da Estrada — Avelino Arantes Lopes, Avelino Lopes de Campos e Joaquim Araújo Lima.

Lugar do Montinho — Manuel Gonçalves Boucinha e José Gomes Dias.

Lugar de Perrelo, Ponte, Meio-mundo e Regato — Severino Pereira Arantes Lopes e João Baptista Lopes da Silva.

Lugar de Crujães — Manuel Faria Simões, Mateus Faria Amorim, João Coelho da Silva, Adelino José Simões, José Peixoto, Manuel Faria Amorim e Joaquim Laranjeira.

Reina grande entusiasmo entre todo o povo desta terra, tendo as respectivas comissões percorrido a freguesia no intuito de angariar fundos, e por todos, serem recebidos da melhor maneira e alegremente entregarem suas ofertas para a mesma festa.

O NOVO MOSTEIRO

Todos os devotos se mostram particularmente interessados na construção do novo templo. Várias tem sido as pessoas, que passando na estrada nacional (Barcelos-Famalicão) levados pela grandiosidade, do mesmo, encaminham seus automóveis até ao adro, e durante uns breves minutos, admiram as linhas modernas e imponentes do Novo Mosteiro.

ADORNANDO...

Várias pessoas, querendo dar o tom festivo e alegre, a toda a freguesia por ocasião da festa do padroeiro S. Bento, principiaram já a pintar suas casas, e muros à face das estradas e caminhos públicos.

BENFEITORES DA NOSSA IGREJA

Ofereceram uma rica e artística imagem de S. Filomena, em madeira, para esta igreja, a Ex.^a Sr.^a D.^a Maria do Carmo da Silva Correia e seu marido Sr. Arménio Correia, de Barcelos.

Bem hajam.

O Sr. Eduardo Gama, proprietário e grande amigo desta terra, residente actualmente em Angola, ofereceu 13.000\$00 para a compra duma aparelhagem sonora que importou em 15.750\$00.

Gratos.

A Sr.^a Ex.^a D.^a Arminda Gama, sua filha e genro, Sr. Coelho, desejando comemorar a primeira comunhão da sua nêtinha e filhinha, ofereceram para um dos altares da igreja, uma imagem em madeira do Menino Jesus.

Reconhecidos.

O vosso Pároco apresenta sinceros cumprimentos a todos vós, e faz votos para que as graças de Deus inundem vossas almas.

A Ex.^a Sr.^a D. Arcília Ferreira Baptista, natural de Vila-Cova, mas residente no Brasil — levada pelo gesto de bem fazer e pela sua grande devoção a S. Bento, ofereceu uma toalha para o altar do milagroso santo.

Ofereceram ainda: O Sr. Joaquim Araújo Lima e esposa — uma toalha para o altar de Santa Teresinha.

D. Miquelina Carvalho Lopes, linho para uma toalha do altar do Coração de Jesus. José Manuel Arantes Lopes, um disco novo para o alto-falante.

Adelino Boucinha, um disco novo para o alto-falante.

A todos muito obrigado.

INCÊNDIO

Nos primeiros dias do mês de Junho, declarou-se incêndio no quintal do Sr. Presidente da Junta, Severino Pereira Arantes Lopes, ardendo alguma lenha e palhas. Com a ajuda dos particulares que apareceram imediatamente e dos bombeiros, foi extinto rapidamente o fogo, não havendo prejuízos de maior.

DO CANCIONEIRO

*No adro de S. Bento
não nascem senão ortigas,
vem-se para o de Midões
vêm-se belas raparigas.*

*Oh igreja de S. Bento
feita de pedra morena
dentro dela ouvem missa
dois olhos que lhe dão pena.*

GRUPO CÊNICO «ALEGRIA DA VÁRZEA»

Embora novo na existência, seu prestígio subiu rapidamente, mercê das belas actuações realizadas. Os componentes deste grupo cénico deslocaram-se a Anha (Viana do Castelo), estando outras saídas já contratadas, para freguesias do concelho de Viana, Esposende e Póvoa de Varzim. Presentemente prepara-se para dar mais um espectáculo nesta freguesia. Além da interpretação de obras de Gil Vicente, e de hilariantes comédias, tem conquistado aplausos com os inconfundíveis palhaços VI-LI-RI, e com o grupo infantil de variedades. Estão já em ensaios novas comédias e uma revista. Brevemente, será a eleição da Direcção, e ventilado de novo, o assunto da futura e definitiva sede, assim como do 1.^o passeio a realizar anualmente. Unidos e animados, pelo mesmo fim que tivemos em vista, quando pensamos na fundação do grupo cénico, continuamos com a mesma fé, coragem e confiança de sempre mais e melhor.

Um dos responsáveis